

Elza Kioko N. N. do Couto (org.)

CADERNO DE RESUMOS DO
**II ENCONTRO BRASILEIRO DE
IMAGINÁRIO E ECOLINGUÍSTICA**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS DE FORMOSA
2015

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS

Marconi Ferreira Perillo Júnior
Governador

José Eliton de Figuerêdo Júnior
Secretário de Desenvolvimento

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Haroldo Reimer
Reitor

Valcemia Gonçalves de Sousa Novaes
Vice-reitora

Maria Olinda Barreto
Pró-Reitora de Graduação

Ivano Alessandro Devilla
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Marcos Antônio Cunha Torres
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis

Lacerda Martins Ferreira
Pró-Reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Fabio Santiago Santa Cruz
Diretor do Câmpus Formosa

Nadja Cayser de Oliveira
Coordenadora do Curso de Letras – Formosa

Elza Kioko N. N. do Couto
Presidente do IIEBIME (UFG/NELIM)

FICHA TÉCNICA

II Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

Evento científico: 11 a 13 de novembro de 2015

Local: Universidade Estadual De Goiás – Campus Formosa

COORDENAÇÃO GERAL

Elza Kioko N. N. Do Couto(UFG/NELIM)

ORGANIZADORES

Elza Kioko N. N. Do Couto(UFG/NELIM)

Hildo Honório de Couto (UnB/NELIM)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Anderson Nowogrodzki (UFG/NELIM)

Davi Albuquerque (NELIM/UFG)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM)

Émile Cardoso de Andrade (UEG/ Formosa)

Genis Frederico Schmaltz (UnB/NELIM)

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM)

Hildo H. do Couto (UnB/NELIM)

Ricardo Sena Coutinho (UFG/NELIM)

Samuel Sousa Silva (UFG/NELIM)

Zilda Dourado (UFG/NELIM)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Anderson Nowogrodzki (UFG/NELIM)

Alexandre Brito Neves Mariano (NELIM-/FG)

Alexia Maria Cardoso Melo (NELIM/UFG)

Eleandro Adir Philippsen (UEG/Formosa)

Émile Cardoso Andrade (UEG/Formosa)

Fábio Santiago Santa Cruz (UEG/Formosa)

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM)

João Nunes Avelar Filho (UEG/NELIM)

Lais Carolina Machado e Silva (UFG/NELIM)

Nadja Cayser de Oliveira (UEG/ Formosa)

CRÉDITOS DA CAPA

<https://lokieoparsifall.files.wordpress.com/2015/10/ouroboros.jpg>

ISSN

2447-5289

SUMÁRIO

Apresentação	05
Programação geral	06
Cronograma das sessões de comunicação	07
Resumos das comunicações	13

APRESENTAÇÃO

O II Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística (II EBIME) tem o objetivo de divulgar os avanços científicos nos estudos que relacionam a antropologia do imaginário de Gilbert Durand (que estuda a simbologia das representações humanas a partir do psiquismo, do biologismo, da organização social e da linguagem) aos estudos de Ecolinguística (que estuda a relação entre população, língua e os ambientes: natural, mental e social).

O II EBIME é uma realização do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM/CNPq), da Universidade Federal de Goiás (UFG), e da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Formosa (UEG-Formosa). O NELIM vem desenvolvendo e promovendo pesquisas num diálogo entre a antropologia do imaginário e outras linhas de estudo, neste caso, a Ecolinguística, que vem sendo desenvolvida na Universidade de Brasília (UnB).

O diálogo entre essas duas linhas de estudo propicia uma visão holística do ser humano em interação com o seu imaginário, com seu grupo social e com o ambiente. Daí a crescente relevância das temáticas para os estudos da linguagem e da sociedade. A atualidade da discussão sobre a relação que o homem estabelece com o ambiente também entra como importante justificativa para a realização deste evento, dada crescente necessidade de sensibilização-conscientização sobre degradação ambiental.

Convidamos todos a apresentarem propostas de comunicação em qualquer um dos temas do II EBIME, ou seja, a Antropologia do Imaginário e a Ecolinguística. As apresentações podem se direcionar exclusivamente para o Imaginário ou para a Ecolinguística, mas pode também comparar as duas.

PROGRAMAÇÃO

QUARTA-FEIRA 11 de novembro

Local: Auditório do IFG (Instituto Federal de Goiás)

19h às 19h45: Credenciamento e inscrições

20h: Abertura: Dr^a. Maria Thereza Q. G. Strôngoli (PUC-SP)
DESVENDANDO A IMAGEM, A IMAGINAÇÃO E O IMAGINÁRIO

QUINTA-FEIRA - 12 de novembro

Local: UEG - Campus Formosa

8h às 8h30: Credenciamento e inscrições

8h30 às 10h10: Sessão de comunicações

10h10 às 10h30: intervalo

10h30-12h: Sessão de comunicações

12h às 14h30: Almoço

14h30 às 16h10: Sessão de comunicações

16h10 às 16h30: Intervalo

16h30 às 18h: Sessão de comunicações

20h: Minicurso - Prof. Dr. Hertz W. Camargo (UFPR)

MÍDIA, MITO E ANTROPOLOGIA DO CONSUMO

SEXTA-FEIRA - 13 de novembro

Local: UEG - Campus Formosa

8h30 às 10h10: Sessão de comunicações

10h10h às 10h30: Intervalo

10h30 às 12h: Sessão de comunicações

12h às 14h30: Almoço

14h30 às 16h: Sessão de comunicações

16h10 às 16h30: Intervalo

16h30 - Encerramento: Dr. Hildo Honório do Couto (UnB/NELIM):

A QUESTÃO DO TEXTO NA LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA

SÁBADO - 14 de novembro

8hs: Visita à Cachoeira do Itiquira

CRONOGRAMA

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

QUINTA-FEIRA - MATUTINO

SALA 01 8h30 às 10h10

Coordenadora da sessão: Zilda Dourado Pinheiro (UFG/CNPQ/NELIM)

8h30 - Lutiana Casaroli (UFG/ NELIM)

Autorreferencialidade midiática: imagem, imaginário e ecolinguística

8h50 - Zilda Dourado Pinheiro (UFG/CNPQ/NELIM)

O conceito de corporeidade segundo a Ecolinguística e a Antropologia do Imaginário

9h10 - Alexia Maria Cardoso Melo (UFG/NELIM)

Em busca do crepuscular: O Mahabharata

9h30 - Maria de Lourdes Cerezer (UFG/NELIM)

Uma visão ecolinguística sobre o discurso que impulsiona as ações do estado islâmico

SALA 02 - 8h30 às 10h10

Coordenadora da sessão: Laís C. M. Silva (UFG/CAPES/NELIM)

8h30 - Helem Andressa de Oliveira Fogaça (UnB/CAPES)

O ecossistema fundamental da língua Mambae

8h50 - Lajla Katherine Rocha Simião (UFG- NELIM)

Uma abordagem ecolinguística das preposições portuguesas

9h10 - Cristhiano dos Santos Teixeira (UEG/Campus Formosa)

O entrecruzamento entre a linguagem e a comunicação

9h30 - Laís Carolina Machado e Silva (UFG-CAPES-NELIM)

Marina Silva e o discurso político: uma abordagem sob a perspectiva da Análise do discurso ecológica

INTERVALO 10h10 – 10h30

SALA 01 10h30 às 12h

Coordenador da sessão: Anderson Nowogrodzki (UFG/NELIM)

10h30 - Hertz Wendel de Camargo (UFPR) e Tácia Rocha (UEM/FAMMA)

Estudos sobre a ritualização do consumo no cinema

10h50 - Ricardo Sena Coutinho (UFG/FAPEG/NELIM)
Ideologia ecológica na série In the flesh

11h10 - Samuel Sousa Silva (UFG/CNPQ/NELIM)
O mito da evolução e suas ressignificações nos filmes "Lucy" e na série "Sense 8"

11h30 - Eduardo de Freitas Siqueira (PIBIC/UEG) e Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG/PMEL/UFG)
A Relação entre Thrall e o imaginário em "World of warcraft"

SALA 02 10h30 às 12h

Coordenador da sessão: Genis Frederico Schmaltz Neto
(UNB/CNPQ/NELIM)

10h30 - Jucelino de Sales (UEG/Formosa)
Convergências simbólicas entre a estética de Frida Kahlo e a escrita de Carlos Fuentes

10h50 - Marcelo Rodrigues dos Reis (UEG/Formosa)
Sobrevivências do tempo mítico no imaginário religioso contemporâneo

11h10 - Sheila Manço dos Santos (NELIM)
O imaginário e o espaço em canções religiosas: um estudo das canções do Padre Zezinho que retratam algum elemento da natureza

11h30 - Gabriel Antunes Magalhães (UEG/Formosa)
Desejo, mentira e literatura

ALMOÇO 12h às 14h30

QUINTA-FEIRA – VESPERTINO

SALA 01: 14h30 às 16h10

Coordenadora da sessão: Kênia Érica Gusmão Medeiros
(UEG/PMEL/UFG)

14h30 - Alberto Barreira Cirqueira Junior (UEG/Formosa), Ana Carolina Tomasson(UEG/Formosa), Edimaria Flores Nogueira(UEG/Formosa) e Victor de Souza e Silva (UEG/Formosa)
A Narrativa Cinematográfica Voltada para o Fazer Natural do Retratar do Cotidiano

14h50 - Juliano de Almeida Pirajá (UEG/Formosa)
Narrativas televisivas: As novas fontes históricas no século XXI

15h10 - Luiz Henrique de Azevedo Borges (UEG/Formosa)
Na redação do rival: Brasil e Argentina na crônica esportiva

15h30 - Kênia Érica Gusmão Medeiros, Débora Sousa Martins e Álvaro Ribeiro Regiane (IFG/UnB- CRIAR CONTEXTO/UFG) (UEG/Formosa)
A água enquanto metáfora para vida na obra do compositor Paulinho da Viola

SALA 02 - 14h30 às 16h10

Coordenadora da sessão: Alexia Maria Cardoso Melo (UFG/NELIM)

14h30 - Ezequiel Martins Ferreira (NELIM)
El Chavo del ocho: imaginário, apagamento do sujeito e cinema

14h50 - Alexandre Brito Neves Mariano – (UFG/NELIM)
A ilha dos gatos pingados de J.J.Veiga e a criação libertadora: uma proposta ecolinguística

15h10 - Heloanny de Freitas Brandão (UFG/CNPQ/NELIM)
Estratégias publicitárias como reforços ao preconceito de gêneros pelo viés da ADE

15h30 - Alexia Maria Cardoso Melo –(UFG/NELIM)
Narratividade e cotidiano do professor: uma análise transdisciplinar

INTERVALO - 16h10 até 16h30

SALA 01 16h30-18h30

Coordenador da sessão: Samuel Sousa Silva(UFG/CNPQ/NELIM)

16h30 - Camila Costa Nunes; Alberto Barreira Cirqueira Junior; Luiz Flávio dos Santos Santana Junior e Danilo Pereira Pessôa (UEG/Formosa)
A importância simbólica da linguagem de gestos e seu valor semiótico no conto A menina dos ouvidos mudos de Jucelino de Sales

16h50 - Crisnyane Rodrigues Pacheco (UEG/Formosa)
Um Camponês e Dois Jecas: Quem é o homem do campo no Brasil?

17h10 - Marcelo Gustavo Costa de Brito (UEG/Formosa)
Rumo ao “pós-humano”? Notas sobre algumas distopias contemporâneas

17h30 - Andreia dos Anjos Oliveira e Roberta Torres de Moura (UEG/PIBIC)
Presença da violência em O CORTIÇO: a construção de um imaginário social sobre o discurso da violência em vigor hoje no espaço simbólico das favelas

SALA 02 16h30-18h30

Coordenadora da sessão: Mabel Pettersen Prudente (UFG/NELIM)

16h30 - Stefanie da Silva Tavares (UCPel-RS)
Prática Ecológica é Prática inclusiva

16h50 - Tânia Borges Ferreira (UnB/PPGL)
Uma abordagem ecolinguística do contato de língua: o caso Mundurukú (Tupí)

17h10 - Pedrita Mynssen da Fonseca Castro Mello (– UFRJ/LETRAS)
Contato linguístico entre França e Alemanha: As influências dos imigrantes na formação de uma nova língua popular da Alsácia

17h30 - Mabel Pettersen Prudente (UFG/NELIM)
Multilinguismo em Lethen

SEXTA-FEIRA – MATUTINO

SALA 01 - 8h30 às 10h10

Coordenador da sessão: Genis Frederico Schmaltz Neto (UNB/CNPQ/NELIM)

8h30 - João Nunes Avelar Filho (UEG- Formosa/NELIM)
As Interações na Catira da Região de Formosa (GO): Uma Análise Ecolinguística

8h50 - Dionei Moreira Gomes (UNB) e Nathalia Martins Peres Costa (UNB)
Interfaces entre a Etnoterminologia e a Ecolinguística

9h10 - Augusto César Ferreira Lopes (UNB)
O assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) de Samambaia como Comunidade de Fala Ecolinguística

9h30 - Genis Frederico Schmaltz Neto (UNB/CNPQ/NELIM)
Para compreender o meio ambiente mental: anotações de um Ecolinguista sobre o cérebro

SALA 02 - 8h30 às 10h10

Coordenador da sessão: Gilberto Paulino – (UFT/NELIM)

8h30 - Anderson Nowogrodzki (UFG/NELIM)
A Visão Ecológica de Mundo aplicada ao jogo eletrônico *Don't Starve Together*

8h50 - Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM) e Antônio Busnardo Filho - (FIAMFAAM)
O rio e a cidade – Imaginário e ecolinguística

9h10 - Vera L. Santos Alves (Faculdade São Francisco de Juazeiro-BA)
Da palavra do rio ao leito da Ecolinguística

9h30 - Gilberto Paulino (UFT-NELIM) e Davi Borges- (NELIM)
"A CULPA É DE SÃO PEDRO": a construção discursiva da mídia televisiva (Jornal da Globo) sobre a crise hídrica no Sistema Cantareira

INTERVALO 10h10 às 10h30

SALA 01 10h30 às 12h

Coordenadora da sessão: Zilda Dourado Pinheiro (UFG/CNPQ/NELIM)

10h30 - Kamila Krisley Barbosa Vieira (UEG/Formosa); Camila Costa Nunes e Lucas dos Santos Rodrigues (UEG/Formosa)
A criatividade a favor do ensino e aprendizagem

10h50 - Tássia Gabriela D. da SILVA (UEG/Formosa)
Ensino de Língua Inglesa para Propósitos Específicos na Universidade Estadual de Goiás: uma nova proposta

11h10 - Nadine Alves Ferreira (UEG/Formosa), Roberta Torres de Moura (UEG/Formosa) e Priscila Lorrane Lopes de Sousa (UEG/Formosa)
Pedagogia Waldorf: uma nova base para educadores que estimulam a escrita

11h30 - Shêila Gomes da Silva Barros, Leide Maria Leão Lopes e Carlos Víctor Bessa Corrêa (UEG-Formosa) e (SEDF/UFAM/UEA)
As contribuições do trabalho com o imaginário infantil na leitura e produção textual

SALA 02 10h30 às 12h

Coordenador da sessão: Samuel Sousa Silva (UFG-CNPQ/NELIM)

10h30 - Larissa Silva Nascimento (UEG/Formosa)
Cenas de violência: hibridismo de gênero e denúncia social em Relembanças da menina de rua morta e nua de Valência Xavier

10h50 - Raphael Martins Ribeiro (UEG/TECCER/CAPES) e Thamilis Tatylla Gomes Avelino (UEG/PIBIC)
Cinema e imaginário: (des) continuidades simbólicas sobre a família

11h10 - Jorge Lucas Marcelo dos Santos (NELIM)

As máscaras da morte: um estudo do imaginário em Restos do carnaval,
Clarice Lispector

11h30 - Émile Cardoso Andrade (UEG/Formosa) e Michelle dos Santos
(UEG/Formosa)

A repetição e a imagem criativa: os memes e o imaginário da internet
em tempos de convergência

INTERVALO – 12h às 14:30

SEXTA-FEIRA – VESPERTINO

SALA 01 - 14h30 às 16h

Coordenadora da sessão: Maria Célia de Castro (UEMA)

14h30 - Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG/PMEL/UFG)
Topônimo Anhanguera: uma proposta de análise ecossistêmica da
relação nome e mito

14h50 - Alberto Barreira Cirqueira Junior (UEG/Formosa)
Personagens de Alvenaria: O Espaço como Sujeito em Narrativa
Intermédias

15h10 - Maria Célia de Castro (UEMA)
Etnotoponímia da região de Balsas-MA: uma análise ecolinguística

SALA 02 – 14H30 às 16h

Coordenador da sessão: Genis Frederico Schmaltz (UNB/CNPQ/NELIM)

14h30 - Jonas Pereira dos Santos
Descomunhão: o que é, como se instala

14h50 - Marta Furtado da Costa (UEPB)
Ecolinguística: um olhar sobre a obra My Fair Lady

15h10 - Thayza Alves Matos e Layra de Sousa Cruz
Sarmiento(UnB/CAPES/CNPQ) 15h30
Blues, Cordel e História: uma possibilidade de análise

INTERVALO – 16h às 16h30m

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Autorreferencialidade midiática: imagem, imaginário e ecolinguística

Lutiana Casaroli (UFG/NELIM) e Elza Kioko do Couto (UFG/NELIM)

Resumo: Objetiva-se compreender a autorreferencialidade midiática à luz das teorias da antropologia do imaginário e da ecolinguística. Tem como objeto de pesquisa o discurso autorreferencial do jornal “O Popular”. Este artigo adota a revisão bibliográfica como metodologia de pesquisa. Para tanto, estabelecemos como base teórica pressupostos da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand, e da Ecolinguística, a partir de Couto (2015, 2012). Partimos do pressuposto de que a autorreferencialidade é construída com base na ecologia da comunicação interativa, por isso a relevância em estudá-la a partir do quadro da ecolinguística. Por outro lado, compreendemos também a importância do imaginário na constituição da imagem pública dessa organização que realiza incursões sobre si. Nesse sentido, acreditamos que a autorreferencialidade constituída a partir da ecologia da comunicação interativa provoca mudanças na linguagem e nas práticas enunciativas do discurso das mídias, aqui associadas à modificação das relações que regem a economia simbólica de um ecossistema, em busca da adaptação em tempos de midiatização.

Palavras-chave: Autorreferencialidade; Imaginário; Ecolinguística.

O conceito de corporeidade segundo a ecolinguística e a antropologia do imaginário

Zilda Dourado Pinheiro – (CNPQ/UFG/NELIM) - Co-autora: Elza K.N.N do Couto (UFG/ NELIM)

Resumo: Este trabalho pesquisa um conceito de corporeidade para o estudo do corpo fundamentado pela Ecolinguística de Hildo do Couto (2007) associada à Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (2002). O estudo parte de uma breve revisão bibliográfica do conceito de corporeidade para situá-la dentro das ciências humanas. Em seguida, esse conceito será fundamentado pela Ecologia do corpo, segundo Sanchez (2009), que define a corporeidade como as interações do corpo com o seu meio ambiente. A partir da ecologia do corpo, a corporeidade será direcionada para os estudos da linguagem com a Ecolinguística. Essa teoria permite entender a corporeidade a partir das interações linguísticas corporificadas pelo falante com o seu povo em um território, formando o Ecossistema Fundamental da Língua, segundo Hildo do Couto (2007). Contudo, essas interações também são simbólicas, pois elas também estão desenvolvidas por meio de imagens

provenientes do psiquismo humano pela faculdade da imaginação, segundo a Antropologia do Imaginário. Essa teoria permite compreender essas interações simbólicas do corpo com o meio ambiente. Todo esse percurso teórico estabelece um estudo do corpo que prioriza as interações linguísticas e simbólicas do ser humano com o meio ambiente.

Palavras-chave: corpo; ecolinguística; antropologia do imaginário

Uma visão ecolinguística sobre o discurso que impulsiona as ações do estado islâmico

Maria de Lourdes Cerezer (UFG-PG) e Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)

Resumo: Há muitas formas de estudar um texto, assim como o discurso, a língua e a linguagem. O estudo da linguagem será abordado nesta comunicação a partir dos preceitos teóricos da ecolinguística. Um dos princípios básicos da ecolinguística é a visão ecológica do mundo, visão essa que permite ao pesquisador olhar seu objeto de estudo como parte de um todo. Nesta direção, pretendemos analisar o discurso de membros do Estado Islâmico (EI). Tais discursos são provenientes de transcrições feitas a partir do documentário Os Novos Recrutados Do Estado Islâmicos. O arcabouço teórico da ecolinguística busca compreender as interações entre povo, território e língua, ou seja, “[...] as interações entre organismos, grupos de organismos ou todos eles e o mundo (COUTO, 2015, p.91)”. O ecossistema é olhado em sua totalidade, evitando partições, repartições, sectarismos, etc., pois essa vertente teórica entende o mundo holisticamente, em que tudo está interligado. O corpus do trabalho é composto pela transcrição de diálogos de membros e simpatizantes do EI. Os diálogos foram obtidos a partir da transcrição feita de conversas presentes no documentário Os Novos Recrutados do Estado Islâmico, exibido pelo canal televisivo português TVI 24, no programa Observatório do mundo. Nesse sentido, o objetivo do trabalho será analisar no discurso dos membros do EI presente no corpus, as dissonâncias por eles cometidas na leitura e interpretação da lei islâmica, fundamentada pelo Alcorão e pelas sunas. A investigação partirá da materialidade linguística que compõe o corpus, podendo, se necessário, buscar auxílio em outras fontes bibliográficas, quais sejam, produtos televisivos, revistas, sites e depoimentos de cunho pessoal, etc., pois a ecolinguística é multimetodológica. Para atender todos os objetivos aqui relacionados, parte-se de uma investigação explicativa, mostrando através do corpus em questão, como as ações do EI ferem a dignidade humana, por matarem impiedosamente quem deles discorda, e agravam ainda mais seus atos ao vangloriarem-se das atrocidades que perpetram.

Palavras-chave: Ecolinguística. Discurso. Estado Islâmico.

Em Busca do Crepuscular: O Mahabharata

Alexia Maria Cardoso Melo (UFG/NELIM)

Resumo: Segundo a proposta de reformulação apresentada por Maria Thereza Strôngoli, em 1991, a Gilbert Durand, acerca da estruturação das imagens em constelações denominadas regimes, inicialmente bipartidas em Diurno e Noturno, posteriormente acrescentando-se o Crepuscular, pretende-se caracterizar, segundo as considerações epistemológicas da Antropologia do Imaginário, este último regime. Uma vez aceito e acordado por Durand, o Crepuscular passa a integrar os estudos sobre o imaginário - a maneira particular como as faculdades da imaginação são operacionalizadas pelo(s) sujeito(s). Desse modo, acreditando na importância epistemológica destas considerações, em busca de uma pormenorização das características deste regime recentemente levantado, elegeu-se o Mahabharata, cânone da literatura indiana, representativo da filosofia hindu, a fim de, em contato com um material linguístico fértil para os determinados fins, oferecer esclarecedoras contribuições sobre a recente reestruturação dos regimes, explorando a relação mestre - discípulo.

Palavras-chave: Imaginário; Regimes; Crepuscular.

O Ecossistema Fundamental da Língua Mambae

Helem Andressa de Oliveira Fogaça (UnB/NELIM)

Resumo: O povo Mambae localiza-se em Timor-Leste - um país no sudeste asiático constituído por uma variedade de grupos étnicos que possuem culturas, histórias, saberes e principalmente línguas próprias. É o maior grupo etnolinguístico leste-timorense, com cerca de 110 mil falantes da língua Mambae. Este trabalho tem por objetivo a descrição do Ecossistema Fundamental da Língua Mambae, baseando-se no tripé língua-povo-território, proposto por Couto (2009). Desta forma, utiliza-se a abordagem da linguística ecossistêmica e a multimetodologia ecolinguística adotada pela Escola Ecolinguística de Brasília, que neste trabalho é caracterizada pela pesquisa bibliográfica e pela etnografia participante, resultado da vivência da pesquisadora em Timor-Leste por mais de dois anos, onde esteve viajando pelo extenso território Mambae. O resultado desta pesquisa é apresentado em três partes: primeiro apresenta-se o povo Mambae, sua origem e organização; segundo, a descrição do seu território, objeto este decisivo na organização e estrutura do povo e língua Mambae. Por último, trata as características gerais da língua Mambae e do contexto no qual está inserida.

Palavras-chave: Ecolinguística; Mambae; Timor-Leste.

Uma abordagem ecolinguística das preposições portuguesas

Lajla Katherine Rocha Simião (UFG/NELIM)

Resumo: Este artigo tem como tema o estudo das preposições a partir da Ecologia das Relações Espaciais (ERE) equiparado ao que é apresentado nas gramáticas, dessa maneira, objetivamos expor a ERE e a contrastamos com as descrições que as gramáticas fazem das preposições, mostrando as ideias que convergem e divergem do que é apresentado por ela. Para este estudo, foi selecionado como objeto de análise a Moderna Gramática Portuguesa do Evanildo Bechara e a Nova Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra a fim de investigar que preposições desviaram do seu uso prototípico, quais não desviaram, quais as posições da Ecologia das Relações Espaciais foram representadas só por locução prepositiva, procurando uma explicação para isso, e quais preposições são também temporais. O projeto em questão é uma pesquisa qualitativa que parte de uma postura ecológica. Como suporte teórico utilizamos da Ecolinguística, que é o estudo das relações da língua com o meio ambiente, que pode ser natural, mental ou social, onde surgiu a Ecologia das Relações Espaciais, de acordo com a qual todas as preposições se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais, como Bernard Pottier já havia demonstrado. Após a análise aqui realizada, notamos que as ideias de Cunha reforçaram os conceitos de relação espacial que demonstra a Ecologia das Relações Espaciais, concordando em partes com o que é exposto na ERE, o que talvez ocorreu por sua postura mais voltada à semântica que à sintaxe. Quanto à Bechara, por ele adotar uma perspectiva sintática, suas ideias divergiram das expostas na ERE, mas num momento de análise semântica, ele deixou transparecer, em meio a contradições, que as preposições sempre tem um significado nuclear subjacente à espacialidade conforme a ERE.

Palavras-chave: Preposições; Ecologia das Relações Espaciais; Prototípicas.

O entrecruzamento entre a linguagem e a comunicação

Cristhiano dos Santos Teixeira (UEG/Formosa)

Resumo: Como o professor J. Caune considera, devemos mesmo pensar a cultura enquanto um ato essencialmente natural dos fenômenos de comunicação? A linguagem, neste sentido, seria a princípio um modo de "transmissão", de "interpretação" e de "transformação" dessas formas existentes de cultura ou de comunicação. A comunicação funcionaria como meio pelo qual todos se relacionariam e se situariam

em torno de uma consciência estabelecida ou mesmo de um sentimento de coletividade. Neste sentido a comunicação seria a própria cultura produzida por todos aqueles que participam diretamente dessas relações, elevando-os acima da sua própria existência individual. Se há coletividade é porque existe comunicação. E toda forma de linguagem, neste caso, seria o meio pelo qual toda e qualquer comunidade se aproximaria da sua natureza no mundo. Palavras-chave: linguagem; comunicação; práticas de coletividade.

Marina silva e o discurso político: uma abordagem sob a perspectiva da análise do discurso ecológica

Lais Carolina Machado e Silva (CAPES- NELIM)

Resumo: Este artigo apresenta uma análise acerca dos discursos políticos de Marina Silva e também de sua postura enquanto ecologista, buscando mostrar uma incoerência por parte da candidata em relação à conduta, por ela assumida, nas últimas eleições presidenciais. Selecionamos como objeto de análise uma seção do plano de governo da “Coligação Unidos pelo Brasil”, da candidata em questão e, também, uma reportagem veiculada em seu Blog. Buscamos mapear as incoerências por ela praticadas, bem como mostrar como essas são vistas pela Análise do Discurso Ecológica. Como recorte temporal escolhemos a campanha presidencial do ano de 2014, na qual Marina obteve grande destaque. Abordamos a questão do desenvolvimento e do crescimento acelerado, bastante comentado no objeto de análise. Utilizamos como arcabouço teórico a Ecolinguística e a Análise do Discurso Ecológica, apresentando uma análise baseada na visão ecológica do mundo, considerando a perspectiva do todo. A ADE possui duas categorias ecológicas, a Defesa da Vida e a Luta contra qualquer tipo de sofrimento. Em relação a metodologia de pesquisa a ADE é multimetodológica por seguir a visão ecológica de mundo, portanto ela pode empregar o que for necessário no momento da análise do texto, nesse sentido o método é determinado pelo objeto. Após a análise aqui realizada percebemos que Marina Silva se afastou de sua postura enquanto ecologista, a qual a acompanhou durante grande parte de sua vida.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológica; Ecolinguística; Marina Silva;

Estudos sobre a ritualização do consumo no cinema

Hertz Wendel de Camargo (UFPR) e Tácia Rocha (UEM/FAMMA)

Resumo: O mito é uma das primeiras formas de interpretação da realidade na história humana. Em essência, o mito é narrativa, ritual e memória. Não é difícil verificarmos que essa estrutura narrativo-ritualística-simbólica se repete e mantém-se viva durante a recepção

do filme no cinema. “É pela narração que se constroem os mitos e com eles a memória dos homens. E não há como se construir a memória sem uma linguagem que a expresse” (COUTINHO, 2003, p. 27). Trata-se de uma revisão bibliográfica para, a partir desta, iniciarmos uma pesquisa empírica e de hábitos de consumo em cinema dos principais centros urbanos do Paraná. Neste artigo partimos da concepção de que tanto o espaço físico das salas de projeção quanto a recepção da obra cinematográfica representam espaços de ritualização do consumo das produções audiovisuais contemporâneas, comerciais ou alternativas. Para tanto, pretendemos destacar as estruturas e elementos que caracterizam o ritual diretamente relacionados ao consumo de filmes, concomitantemente relevando um sintoma da cultura contemporânea (a devoração de imagens pelo homem e do homem pelas imagens, o conceito da antropologia visual, de que vivemos uma cultura iconofágica – BAITELLO JUNIOR, 2005 – e antropologia do consumo – ROCHA, 2010) e o ritual que promove a persistência de sentidos, memórias e narrativas ancestrais que revivem e mantêm vivo o imaginário cultural.

Palavras-chave: cinema; ritual; mito; iconofagia

Ideologia ecológica na série *In the flesh*

Ricardo Sena Coutinho (UFG/FAPEG/NELIM)

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de observar e analisar como se dá a ideologia ecológica na série britânica *In the flesh*, cuja narrativa trata da reabilitação de mortos-vivos depois da cura do zumbinismo. Para isso, são mobilizados conceitos da Ecolinguística, mais especificamente da Análise do Discurso Ecológica, como o de ideologia da vida, que prega o respeito ao diferente para a integração social e a vida em comunhão. De Destutt de Tracy a Louis Althusser, de Jonh B. Thompson a Hildo Honório do Couto, a noção de ideologia ganhou diversos significados no decorrer do tempo, mas apenas uma visão positiva de ideologia daria conta do corpus desta pesquisa, já que esta nova concepção se dissocia de questões puramente burguesas, partidárias e políticas e vê a vida como o elemento primordial a ser preservado. Espera-se demonstrar que a ideologia ecológica funciona como mecanismo de luta contra tudo aquilo que pode, eventualmente, causar sofrimento. A metodologia empregada nesta pesquisa é a análise de documentos.

Palavras-chave: Ecolinguística; Análise do Discurso Ecológica; Ideologia ecológica; Mídia.

O mito da evolução e suas ressignificações nos filmes “*Lucy*” e na série “*sense8*”

Samuel Sousa Silva (UFG/CNPQ/NELIM)

Resumo: Nessa pesquisa se pretende analisar mitocriticamente os textos fílmicos do filme “Lucy” e da série “sense 8”, a fim de se ver como essas obras atualizam e res-significam o mito da evolução de viés científico darwiniano assim como que elementos preservam seu sentido primeiro. A metodologia adotada para essa análise é a mitocrítica de Gilbert Durand da antropologia do imaginário e os principais conceitos teóricos adotados nessa análise são a caracterização do trajeto histórico antropológico do mito em perenidades, derivações e desgaste do mito conforme elaboração de Durand no livro “campos do imaginário”. Os resultados parciais alcançados foram que as duas obras mantem o elemento biológico do ser humano como o elemento a ser evoluído conforme as ideias centrais originárias da teoria darwiniana, mas há diferença entre as duas obras quanto as atualizações desse mito. Sendo que o filme opta por uma evolução do cérebro humano aos moldes do mundo cibernético e da tecnologia da informação, enquanto que na série a evolução humana passa por uma fusão entre espiritualidade e conhecimento racional nos processos cognitivos humanos e a aceitação de uma bissexualidade humana.

Palavras-chave: evolução – mito – atualização.

A relação entre Thrall e o imaginário em “World of warcraft”

Eduardo de Freitas Siqueira (PIBIC/UEG) e Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG/PMEL/UFG)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo ampliar as possibilidades de estudo da linguagem para o âmbito dos jogos virtuais, que também têm nas linguagens narrativas seu aspecto preponderante, pois apresentam enredo, personagens constituídos para se movimentarem numa perspectiva característica de cada ação do jogo. Especificamente, este estudo busca o enfoque (relativamente extenso, dada a complexidade do enredo do jogo virtual em questão), sob a perspectiva do imaginário, de um dos personagens principais do jogo “World of Warcraft” chamado Thrall. Para tanto, alguns aspectos são considerados, com a finalidade de mostrar o quão vasto e amplo de possibilidades para estudos da linguagem, os jogos virtuais podem ser. Assim, pauta-se nos conceitos que Gilbert Durand (2011) apresenta em “O imaginário: Ensaio Acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem” para analisar a relação da linguagem com o jogo “World of Warcraft”. Dessa maneira, espera-se que este trabalho represente, de alguma forma, um impulso para que mais estudiosos se interessem por tema, ou seja, haja maior interesse pela linguagem dos vídeo games, uma vez que a presença dos jogos virtuais (não só no Brasil), cresce em níveis acentuados. Em termos linguísticos, é necessária a consulta a dicionários etimológicos e ainda investigação sobre aspectos morfológicos,

sintáticos e semântico dos nomes um contrapondo com questões referentes ao simbolismo das designações usadas no jogo.

Palavras-chave: Thrall, Imaginário e Jogos Virtuais.

Convergências simbólicas entre a estética de Frida Kahlo e a escrita de Carlos Fuentes

Jucelino de Sales (UEG/FORMOSA)

Resumo: Discutiremos nessa comunicação relações de convergências simbólicas entre arte e literatura, apresentando aproximações entre a estética de Frida Kahlo e a poética de Carlos Fuentes. Procuraremos demonstrar que suas linguagens artísticas desmontam a sensibilidade surrealista e a estética fantástica europeia, recriando uma nova sensibilidade a partir dos elementos simbólicos e imaginários do universo latino-americano. Vale frisar a noção de inconsciente efetivo proposta por Gilbert Durand (1998), em que sua cadeia significativa se dá na conexão das relações dos conteúdos do imaginário, que trazem à tona tudo o que está naufragado nas instâncias do imaginário “os quais recebem suas estruturas e seus valores das várias ‘confluências’ sociais [...]” (DURAND, 1998, p. 96). Durand apresenta o símbolo “enquanto signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação” (DURAND, 1998, p. 19, grifos do autor). Demonstraremos que, ambos os estetas, em seus campos de linguagem próprios, subvertem, por meio da imaginação simbólica, o discurso vigente e autorizado através do discurso estético, possibilitando uma releitura histórica e simbólica da América-Latina pelo viés da arte e da literatura.

Palavras-chave: estética, imaginação simbólica, modernidade.

Sobrevivência do tempo mítico no imaginário religioso contemporâneo

Marcelo Rodrigues dos Reis (UEG/FORMOSA)

Resumo: Sabe-se que atualmente as religiões e demais sistemas de crença ocupam um espaço essencial nas sociedades. Contrariamente à aposta weberiana, pensadores como Michel Maffesoli, defendem a ideia de que vivemos um “reencantamento do mundo”. Nesse sentido, imagens de caráter sagrado circulam em profusão se verificados não apenas os grupos religiosos, mas também os meios de comunicação de massa, a hipermídia e as manifestações artísticas como a literatura e o cinema. O sagrado, assim, preserva-se como objeto de interesse privilegiado das ciências humanas e sociais. Entre os teóricos abordados neste trabalho estão Bronislaw Baczko; Gilbert Durand; Mircea Eliade e Michel Maffesoli. A metodologia contempla a abordagem qualitativa e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com

representantes religiosos; análise documental e observação participante. Este estudo se justifica por ser o campo religioso um tema relevante na contemporaneidade. Portanto, toda iniciativa de pesquisa que o contemple intensificará debates e permitirá à comunidade científica uma compreensão mais ampla desse fenômeno sociocultural. Entre os resultados esperados estão: diagnosticar um conceito de religião aberto o bastante para acomodar os múltiplos sistemas de crenças alvos do estudo e discutir o pensamento de especialistas de múltiplas áreas de formação comprometidos diretamente com a temática da religião.

Palavras-chave: Tempo mítico. Imaginário sociorreligioso. Linguagem sagrada.

O imaginário e o espaço em canções religiosas: um estudo das canções do Padre Zezinho que retratam algum elemento da natureza

Sheila Manço dos Santos (NELIM)

Resumo: José Fernandes, mais conhecido como Padre Zezinho é um religioso da Igreja Católica Apostólica Romana, na qual é compositor e cantor de várias canções religiosas, as quais abordam temas como família, perdão, a natureza comparada à vocação, ou seja, um caminho que se deve seguir. Tal estudo baseou-se nas escolhas de canções do presente Padre que retratam algum elemento da natureza no Cd "Canções para meu Deus". Para proceder a análise dos elementos da natureza em tal Cd é necessário passar pelas teorias do Imaginário de Gilbert Durand o qual fala da diferença de imaginário e imaginação e divide o imaginário em dois regimes, sendo eles: Regime diurno e Regime noturno. Além de Durand, é necessário também passar pela teoria do espaço estudado por Gaston Bachelard. Tem-se como objetivo descobrir qual regime do imaginário é predominante nas canções do Padre Zezinho que retratam algum elemento da natureza.

Palavras-chave: Imaginário, espaço, natureza

Desejo, mentira e literatura

Gabriel Antunes Magalhães (UEG/FORMOSA)

Resumo: Este trabalho busca apresentar algumas ideias que surgiram durante os cursos de literatura ministrados na Universidade Estadual de Goiás - UEG. É certo que algo de terrivelmente estranho e desconjuntado se revela quando essas três palavras são postas numa mesma sequência, talvez por serem muito próximas e por isso mesmo tão semelhantes, o desejo, a mentira e a literatura; desveladas assim, ganham quase que um contorno de telenovela incomoda. Que pode a literatura quando fundada pelo desejo e pela mentira? Serão outros seus interesses? Será, o destino da arte escrita, estar sempre ligada a

alguma imoralidade irremediável? Envolver-se com esses questionamentos é o que pretendemos nesse piloto de mais uma interminável novela de crítica literária.

Palavras-chave: Desejo, mentira e literatura

A Narrativa Cinematográfica Voltada para o Fazer Natural do Retratar do Cotidiano

Alberto Barreira Cirqueira Junior, Ana Carolina Tomasson, Edimaria Flores Nogueira e Victor de Souza e Silva (UEG/FORMOSA)

Resumo: Tendo em vista o simplório objetivo de desenvolver uma linguagem mais crua e objetiva, Lars Von Trier e Thomas Vinterberg criaram o Dogma 95, e este trabalho avalia a possibilidade de se abster das diversas capacidades adquiridas pelos meios cinematográficos atualmente, apresentando um surreal tão simples quanto o que é encontrado na obra O Fabuloso Destino de Amélie Poulain de Jean-Pierre Jeunet. Tal meio de desenvolver a narrativa se distancia do atual contexto fantástico presente em muitos das produção do século XXI. Pensando no cotidiano de uma forma demasiadamente natural, capaz de gerar um imaginário prático focado em situações comuns, onde quem estiver assistindo vai poder se identificar e se sentir mais próximo da obra. O Fabuloso Destino de Amélie Poulain debate a cerca de valores comuns que podem cativar pela natureza de sentimentos e atitudes, assim como a proposta do Dogma 95 tenta aplicar nas produções Lars Von Trier e Thomas Vinterberg após a sua criação. Não é preciso de muito para retratar os sentimentos e os seus diversos efeito, também porque o natural não é o que somos capazes de criar com a imaginação, mas sim o retratar daquilo que não é muito difícil de se encontrar com uma autêntica visão de mundo, tornando o real uma ficção e o congênito algo kafkiano. Desta forma este assunto tem como objetivo ampliar a visão dos alunos do PIBID em relação aos filmes que eles já assistiram, e os que verão, compreendendo elementos que vão mais além do que apenas os propostos pela indústria de massa.

Palavras-chave: natural, visão e sentimentos

Narrativas televisivas: As novas fontes históricas no século XXI

Juliano de Almeida Pirajá (UEG/FORMOSA)

Resumo: A pesquisa que ora se apresenta quer justamente questionar e participar do debate acerca dos usos das imagens em movimento e dos roteiros que orientam a narrativa das séries americanas de TV do final do Século XX e começo do Século XXI. Desde os Analles e em diante, parece-nos ter ficado claro, aos historiadores, que as fontes que alimentam os debates da história não possuem mais apenas a poeira envelhecida do tempo. Mas as novas fontes e os novos objetos, mesmo

na novíssima crítica cultural, aparecem fantasiados de uma erudição e de um beletismo que distanciam o olho do fundamental. Como a história lida ou pode lidar com as fontes televisivas? A preocupação é que as imagens técnicas que produzem essas narrativas são as formas mais frequentes de se fazer 'texto' na contemporaneidade. Sua leitura depende muito mais da postura desde a qual o leitor exerce seu próprio pensamento? Ou tais narrativas são pura fantasia e, portanto, para história, elementos esvaziados da retórica e da seriedade que as fontes tradicionais possuem?

Palavras-chave: Séries de televisão, fonte histórica e narrativa.

Na redação do rival: Brasil e Argentina na crônica esportiva

Luiz Henrique de Azevedo Borges (UEG/Formosa)

A crônica jornalística, herdeira dos folhetins de variedades franceses do século XIX, há muito tempo é utilizada nos meios de comunicação, abordando assuntos cotidianos, diários e triviais, a partir de uma linguagem simples, direta, quase um "bate-papo" com o leitor. Ela encontrou amplo espaço nos esportes, originando a crônica esportiva, que rapidamente se popularizou. Apesar de abordar várias modalidades, tanto no Brasil quanto na Argentina, criou laços muito próximos com o futebol. As crônicas esportivas são lócus de discussão de temáticas extremamente variadas, que em muito ultrapassam o âmbito esportivo e isso fica claro na construção da rivalidade entre argentinos e brasileiros, quando questões raciais e de gênero são tratadas. Nesse sentido, pretende-se não só traçar a construção e as principais características das crônicas esportivas nos dois países quanto marcar temporalmente o início da referida rivalidade.

Palavras-chave: Crônica Esportiva, Brasil, Argentina, Futebol.

A água enquanto metáfora para vida na obra do compositor Paulinho da Viola

Kênia Érica Gusmão Medeiros, Débora Sousa Martins e Álvaro Ribeiro Regiane (IFG/UnB – CRIAR CONTEXTO/UFG) (UEG/FORMOSA)

Resumo: Este trabalho busca investigar a representação da água enquanto metáfora presente nos discursos musicados do compositor Paulinho da Viola. A água nesse repertório aparece frequentemente numa farta simbologia que conota renovação e movimento. A obra do compositor dialoga com temporalidades e cotidiano, nessa feita além da água, termos correlacionados sustentam uma rede metafórica que procura refletir sobre a vida e seu curso por meio dos citados termos. O mar, o rio, o barco, o timoneiro dentre outros são algumas das palavras que aparecem na obra do compositor. Este trabalho pretende discutir além da linguagem utilizada e seus termos que empenham sentidos

para essas canções, a própria acepção da água socialmente difundida e seus usos poéticos.

Palavras-chave: água, música, temporalidades.

El Chavo del ocho: imaginário, apagamento do sujeito e cinema

Ezequiel Martins Ferreira (EMAC/UFG/NELIM)

Resumo: O seriado mexicano El Chavo del ocho, conhecido no Brasil como Chaves, possui algumas peculiaridades que a traição da tradução nos deixa apenas um traço apagado. Esse traço restante diz respeito ao próprio apagamento do sujeito, o qual se impõem na trama chispiritiana como elemento motriz de toda a ação. Partindo desse apagamento fundamental da trama e das teorias que abordam o imaginário, e principalmente Gilbert Durand, o que se propõe com este trabalho é uma reflexão sobre o lugar do sujeito contemporâneo tanto no viés de Chispirito quanto na construção de um imaginário numa sociedade multifacetada, movida por inúmeros cortes de cenas incompletas. A vida como reflexo do cinema e o cinema como espelho da vida tem se mostrado cada vez mais presente na construção subjetiva. E essas construções tem surgido como um encadeamento de imagens contrastantes e desaparentadas superficialmente. Essa imagem dos órfãos, muito presente em El Chavo nos vale como um precioso exemplo de nossa profunda identificação com o desaparentado, com o próprio chavo, garoto que não precisa ter nome para exercer sua função social.

Palavras-chave: El Chavo del Ocho, imaginário, cinema, sujeito.

A ilha dos gatos pingados de J. J. Veiga e a criação libertadora: uma proposta ecolinguística

Alexandre Brito Neves Mariano (UFG/PROLICEN/NELIM)

RESUMO: A proposta do trabalho é levar alunos do ensino básico da Esc. Mun. Marechal Ribas Jr. à produção textual crítica e libertadora, como recomendado por Couto (2012). Tal manifestação da liberdade individual seria instigada pela leitura do conto fantástico “A ilha dos gatos pingados”, de J. J. Veiga, a fim de pensar sobre as problemáticas sociais que envolvem o ser humano, além de trabalhar o incentivo à leitura e a escrita. A escolha do conto fantástico se dá pela sua possibilidade de transcender o real por meio da língua, dando tanto ao leitor quanto ao escritor meios de libertação das amarras objetivas e as diversas possibilidades imaginativas e de ressimbolização do cotidiano. O referencial teórico é pautado na Ecolinguística, a fim de verificar como se dão as relações organismo-mundo (significação) e organismo-organismo (interação comunicativa) na comunidade de fala em questão (alunos); na Antropologia do Imaginário, no intuito de compreender a constituição das imagens dessa comunidade de fala; e na Teoria da Narrativa. Consiste o projeto de duas etapas: a primeira

trata-se da abordagem do conto pelo viés da visão ecológica de mundo, para investigar que elementos da narrativa contribuem para uma compreensão harmoniosa da vida em sociedade, especialmente no que se refere à situação da criança. A segunda etapa consiste na proposta de produção textual pelos alunos e posteriormente a análise desse material.

Palavras-chave: Ecolinguística; Narrativa; Imaginário.

Estratégias publicitárias como reforços ao preconceito de gêneros pelo viés da ADE

Heloanny de Freitas Brandão (UFG/CNPQ/NELIM)

Resumo: Atualmente, umas das estratégias publicitário-discursiva encontrada para atrair consumidores foi a utilização da imagem da mulher, ora valorizando-a em detrimento a imagem do homem, ora desvalorizando-a. Diante disso, muitas polêmicas surgiram, como, por exemplo, a reação de feministas que criticaram duramente a postura machista existente em algumas propagandas, e a postura masculina de se negarem a comprar os produtos devido ao preconceito sofrido por eles. Nesse contexto é que se propõe um estudo, a partir da análise de propagandas da Skol, Samsung, Bombril e Ministério da Saúde e das respectivas críticas virtuais feitas, que tem como objetivo investigar se essa estratégia publicitária propicia a instauração de conflitos entre homem e mulher e se há um desequilíbrio social daí decorrente. Como referencial teórico adota-se a Análise do Discurso Ecológica, que por uma ideologia de vida, analisa de forma ecológica os discursos e defende o não sofrimento e a igualdade de todos os seres por terem valor em si mesmos. Ela busca, ainda, evitar o conflito. Pela pesquisa nota-se que a forma como as propagandas são instituídas e as críticas geradas a elas intensificam os conflitos, competição (machismo x feminismo) e intolerância entre homem e mulher, o que impede que a comunhão e harmonia sejam mantidas na sociedade, bem como impede que o respeito e a tolerância entre os seres, que são igualmente importantes no ecossistema, sejam instaurados.

Palavras-chave: Conflito. Publicidade. Análise do Discurso Ecológica.

Narratividade e cotidiano do professor: uma análise transdisciplinar

Alexia Maria Cardoso Melo (UFG/NELIM)

Resumo: Diante da realidade educacional brasileira em que docentes vivem no limite de um cotidiano exaustivo, consequência da não valorização e apoio à carreira por parte de diversos setores da sociedade, objetivou-se por meio do presente projeto desenvolver uma atividade com professores do Colégio da Polícia Militar de Goiás (CPMG) – unidade Hugo de Carvalho Ramos, a fim de servir tanto como espaço de reflexão e conscientização quanto como diagnóstico

acerca da problemática educacional. Abrindo espaço para interação com docentes de diversas áreas do conhecimento, obteve-se, segundo a proposta geral da pesquisa, duas narrativas em que professores do Colégio Militar discutem suas respectivas vivências educacionais, bem como discorrem acerca de questões relacionadas. Sob as considerações epistemológicas da Ecolinguística, mais especificamente da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica, bem como da Antropologia do Imaginário, foi possível constatar e problematizar duas questões básicas acerca do cotidiano escolar na instituição militar, que são, segundo análise das produções textuais: a - a questão disciplinar posta em ênfase, juntamente com seu caráter normatizador, normalizador, etc.; b - a questão dos recursos estruturais e técnico-administrativos direcionados. Essas duas características conjugadas particularizam o cotidiano de docentes do CPMG, de modo a fomentar ainda mais o debate em torno da referida instituição e da realidade educacional como um todo, principalmente no que se refere à rede pública de ensino do Estado de Goiás.

Palavras-chave: Educação; Ecolinguística; Imaginário.

A importância simbólica da linguagem de gestos e seu valor semiótico no conto A menina dos ouvidos mudos de Jucelino de Sales

Camila Costa Nunes, Alberto Barreira Cirqueira Junior, Luiz Flávio dos Santos Santana Junior e Danilo Pereira Pessoa (UEG/FORMOSA)

Resumo: Pretende-se abordar a linguagem dos gestos com a linguagem humana no conto A menina dos ouvidos mudos de autoria de Jucelino de Sales. Enfatizaremos essa relação segundo a lógica da antropologia do imaginário proposta por Gilbert Durand "a imagem pode se desenvolver dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma 'realidade velada' [...]" (DURAND, 1998, p. 10). O objetivo é refletir a respeito das imagens veladas nesse conto que trazem uma discussão a respeito do signo e da semiótica. Dentro de uma sociedade há diversas formas de comunicação que possibilitam uma análise semiótica acerca da linguagem, observando as possíveis interpretações que uma obra pode oferecer. Atrelando a linguagem com o espaço imaginário do conto, relacionaremos a ideia de antropologismo do imaginário de Gilbert Durand, entrelaçado a escrita do autor que deve muito à poética de Guimarães Rosa. O objeto deste trabalho advém de uma análise semiótica dos distintos modos de linguagens, dentro do imaginário do sertão, em que uma criança nascida nesse espaço (a protagonista do conto), se expressa através de sua não-linguagem verbal o que, a princípio, não cabe no imaginário linguístico dos pais.

Palavras-chaves: análise semiótica, linguagem e imaginário.

Um Camponês e Dois Jecas: Quem é o homem do campo no Brasil?

Crisnyane Rodrigues Pacheco (UEG/FORMOSA)

Resumo: A discussão se faz em torno da imagem do sujeito que vive no campo, considerando diversos fatores para este recorte, é necessário destacar que este indivíduo, o camponês, possui peculiaridades em seu modo de vida, as quais são vistas de forma deturpada pela sociedade. O camponês tem uma relação mais próxima com a terra, seu local de origem, de trabalho, este tem a natureza como fator primordial em sua vida, ao qual versa sua cultura. Duarte (2001) remete ao homem do campo como aquele camponês que luta pela terra e por sua classe, pois o seu trabalho no campo é o que o dignifica, sua proximidade com este ambiente é o alicerce que mantém o camponês firme para defender seu território. Para dialogar esta forma preconceituosa de enxergar o camponês, o Jeca Tatu criado pelo autor Monteiro Lobato será analisado, assim como o Jeca Tatu que Mazzaropi interpreta. Percebe-se a presença de três faces de um mesmo sujeito representado, Monteiro Lobato de início descreve outro camponês, aquele que não tem apreço pela terra. O personagem que Mazzaropi interpreta é a junção do camponês com o Jeca Tatu de Lobato, porém aquele que não se deixa ser manipulado. Observou-se a representatividade que o camponês tem no imaginário social, que não se trata de um mero personagem fictício, contudo se tornou marginalizado, mas possui grande importância em termos econômico, cultural e social.

Palavras-chave: Camponês, Jeca Tatu, trabalho.

Rumo ao “pós-humano”? Notas sobre algumas distopias contemporâneas

Marcelo Gustavo Costa de Brito (UEG/FORMOSA)

Resumo: Atento à maneira como as narrativas ficcionais expressam as lutas simbólicas presentes no imaginário em que foram elaboradas, a presente comunicação tem como objetivo refletir sobre os cenários apresentados em duas ficções científicas contemporâneas, Blade Runner (Ridley Scott, EUA, 1982) e Gattaca (Andrew Niccol, EUA, 1997). Nos cenários fictícios dessas narrativas audiovisuais, é possível identificar questões sobre o que filósofos e sociólogos nomearam como Singularidade Tecnológica, campo de investigação acerca dos processos resultantes da aceleração econômica do capitalismo global engatada na aceleração tecnocientífica, fenômeno de resultados ainda bastante incertos. A partir da análise desses filmes, temas

relacionados ao desenvolvimento da robótica e da nanobiotecnologia se colocam, práticas estas ligadas ao controle artificial da vida e da morte, fronteiras anteriormente pouco acessíveis à vontade humana. Colocadas em série, essas duas narrativas ficcionais permitem também acompanhar, ao longo do período que separa suas produções, o deslocamento nos sentidos atribuídos ao natural e ao artificial como elementos constituintes da condição humana. Na falta de um debate ético efetivo na esfera pública sobre os avanços tecnocientíficos, as narrativas ficcionais muitas vezes cumprem a função de compartilhar coletivamente os sonhos e os receios envolvidos em tais projetos.

Palavras-chave: Distopias, Blade Runner, Gattaca

Presença da violência em O CORTIÇO: a construção de um imaginário social sobre o discurso da violência em vigor hoje no espaço simbólico das favelas

Andreia dos Anjos Oliveira e Roberta Torres de Moura (UEG/PIBIC)

RESUMO: Abordaremos nessa comunicação relações simbólicas sobre um discurso da violência, permeado na obra *O Cortiço*, precursora na construção de um imaginário social que persiste, hoje, nas favelas; obra que norteia no espaço literário a formação sócio-histórica das primeiras comunidades marginalizadas, no arranjo simbólico do espaço periférico das metrópoles. Segundo Gilbert Durand (1998), os conteúdos do imaginário nascem no fluxo temporal, “os quais recebem suas estruturas e seus valores das várias ‘confluências’ sociais”. Tomando o espaço do cortiço como análogo ao microespaço das favelas, a compreensão do discurso da violência a partir do discurso literário presente na obra pode: esclarecer a relação de ordem conflituosa entre cortiços (ou seja, favelas); elucidar o embate entre força policial (desmedida) e comunidade. Outro ponto diz respeito à crítica de um imaginário errôneo, por bastante tempo, ilustrando uma imagem depreciativa, naturalizada, das classes subalternas, que faz com que personagens pobres, negros, loucos, assumam a culpa por essa violência que é social. Essa pulsão ou anestesia “[n]o anonimato da ‘fabricação’ destas imagens” vigorou por muito tempo na literatura, mostrando como o discurso literário na obra, cria um imaginário que não condiz com a realidade.

Palavras-chave: discurso, violência, imaginário.

Prática Ecológica é Prática inclusiva

Stefanie da Silva Tunes (UCPel-RS)

Resumo: O presente trabalho busca trazer uma reflexão sobre o ensino de línguas, baseado na abordagem ecológica da língua, a fim de promover uma prática escolar inclusiva. Baseados em Couto, trabalharemos a Ecolinguística e a sua relevância para o ensino no

cenário pedagógico vigente, sendo trazidos ainda para a discussão autores como Mantoan e Carvalho, que nortearão a prática escolar inclusiva. Valendo-nos da citação feita por Kristeva ao referir-se à linguagem, quando a questão “o que é linguagem?” é substituída por “como é que a linguagem pode ser pensada?” - e aderindo a esta concepção – é que nos deparamos com uma linguagem não apenas sendo concebida pelo, mas no e com o sujeito. Tornando-a assim essência e “ferramenta” da comunicação humana. Ao considerarmos a língua como o meio de interação com o ambiente no qual os sujeitos estão inseridos, e pensando na porosidade destas inter-relações que eles praticam, somos capazes de realmente ver a ecologia da linguagem, como ela apreende o ser humano em sua totalidade e a imensa significância que a mesma possui para a real existência do indivíduo. Concluímos que uma prática ecológica é em sua totalidade uma prática inclusiva, e vice-versa. Pois se concebemos a linguagem como essência e ferramenta, o dever de todo professor é ensinar o aluno a olhar para linguagem como parte de seu corpo e através dela tornar-se sujeito de sua história. Posicionando-se a fim de efetivamente ocupar o ambiente no qual está posto.

Palavras-chave: Ecolinguística; Prática inclusiva; Ensino de línguas;

Uma abordagem ecolinguística do contato de língua: o caso Mundurukú (Tupí)

Tânia Borges Ferreira (UnB/PPGL)

Resumo: Este trabalho pretende apresentar uma análise preliminar do contato de línguas estabelecido por meio das interações entre o povo Mundurukú e a sociedade dominante que os cerca, focando especificamente na aldeia Praia do Mangue, localizada na periferia do Município de Itaibuta (PA). Esta pesquisa pretende abordar tal temática por meio da Ecolinguística. O referencial teórico inicial gira em torno dos estudos sobre o povo Mundurukú e sua língua, dentre eles estão Burum (1979), Gomes (2006), Menéndez (1991), Ramos (2006) e Rodrigues (1986). Em relação ao referencial teórico que trata do contato de língua e da Ecolinguística, é possível citar Couto (2007, 2009) e Mufwene (2001), além da abordagem de bilinguismo de Siguán & Mackey (1986). Por ser um trabalho preliminar, a metodologia abordará uma revisão teórica baseada em autores de referência e nas informações e relatos sobre a realidade atual do povo Mundurukú que habita a aldeia Praia do Mangue, obtidos com base nas observações feitas em trabalho de campo e em entrevistas não estruturadas. Compreender a relação de contato de língua, à luz da Ecolinguística, buscando entender as relações e interações que fazem com que esse contato caminhe para um bilinguismo e morte de língua/povo, é fundamental para buscar meios de intervir nesse processo, valorizando a diversidade, a vida e

evitando o sofrimento vivenciado por esses povos que se veem obrigados a abandonar suas raízes.

Palavras-chave: Contato de língua; Bilinguismo; Ecolinguística.

Contato linguístico entre França e Alemanha: As influências dos imigrantes na formação de uma nova língua popular da Alsácia.

Pedrita Mynssen da Fonseca Castro Mello (UFRJ/LETRAS)

Resumo: Desde a política positivista da revolução francesa de 1789 o francês foi adotado como língua nacional, delegando um papel secundário e estigmatizado as outras línguas, como o alsaciano. O próprio nome dado às línguas e a associação a uma região já revela o caráter positivista da política da época. O que é chamado de fronteira linguística? Neste caso, qual seria a fronteira entre o alsaciano e a língua falada em Baden (aqui denominada badisch), na Alemanha, do outro lado da fronteira política França-Alemanha? Neste trabalho, busco apresentar uma reflexão crítica sobre as concepções de fronteira de linguística utilizando essas duas línguas como exemplo dentro de uma abordagem Ecolinguística, ou seja, segundo uma análise da confluência da língua com o meio social. Pretendo mostrar que essas duas línguas são, na realidade, uma mesma língua, apenas nomeadas diferentemente para justificar uma ideologia política-nacionalista. Também procuro mostrar uma tendência de afastamento entre essas duas línguas por influência linguística: do lado francês, dos magrebinos e, do lado alemão, dos turcos; e como graças a essa tendência, o alsaciano estaria se transformando e garantindo sua sobrevivência como língua natural. Para explicar todos esses fenômenos, usarei uma abordagem Ecolinguística com a qual contextualizo de maneira histórica, geográfica e social o francês e o alsaciano. Esse trabalho também busca explicitar a coexistência harmônica dessas duas línguas mesmo em contextos políticos hostis entre a França e a Alemanha, como pode ser visto no livro estudo *Le français alsacien: fautes de prononciation et germanisme* de J. D'hauteville, 1852.

Palavras-chave: Fronteiras linguísticas, contato linguístico, ecolinguística.

MULTILINGUISMO IN LETHEN

Mabel Pettersen Prudente (UFG/NELIM)

Resumo: Este estudo inicial busca descrever e analisar os diversos grupos – linguisticamente identificáveis – residentes na cidade de Lethen na República da Guiana, localizada na fronteira do estado de Roraima – Brasil. Os dados foram registrados por meio de fotografias de placas, cartazes, painéis, outdoors, sinais de trânsito, publicidade, grafismo e outras inscrições em espaços públicos, contendo textos escritos, produzidos tanto profissional como amadoristicamente. Segundo

Blommaert (2012) a documentação gerada por estas paisagens linguísticas (linguistic landscapes) serve para identificar a presença de uma vasta variedade de indivíduos e grupos de indivíduos, podendo responder, entre outras, as seguintes perguntas sobre eles: quem são; que línguas usam; sua mobilidade; as formas de organização; o quadro sincrônico e histórico do espaço ocupado. A descrição e análise da documentação foram realizadas de acordo com a teoria e metodologia postulada por Scollon (2008) denominada por ele de Discurso dos Itinerários. Para o autor, os itinerários são trajetórias de "resemiotização", isto é, o discurso é sempre mediado e nunca é apenas um "texto", mas uma ação humana social que ocorre no mundo real repleto de pessoas, objetos e tecnologias. O resultado parcial deste estudo pode identificar diversos grupos linguísticos coexistindo na cidade de Lethen: falantes de inglês, português, chinês, macuxi e napixana. Para compreender melhor a complexidade dos usos destas diversas línguas em relação ao espaço e aos grupos de indivíduos, a ecolinguística fornecerá o arcabouço geral do estudo que, entre outros, nos fornece conceitos como 'comunidade de fala' (simples, complexa) versus 'comunidade de língua'.

Palavras-chave: Ecolinguístico, multilinguismo, fronteira

As Interações na Catira da Região de Formosa (GO): Uma Análise Ecolinguística

João Nunes Avelar Filho ((UEG-FORMOSA/NELIM)

Resumo: A linguagem humana se manifesta através de vários componentes, verbais e não- verbais. O componente humano comunicativo prototípico é a fala, a qual se manifesta nas interações verbais dos indivíduos. Os componentes não-verbais, não menos importantes que os verbais, compreendem formas de interação comunicativa, como as proxêmicas e as cinésicas, as quais têm uma relação muito estreita com a linguagem verbal, conforme Hall (2005). Pretende-se analisar as interações comunicativas dessa manifestação artística típica do interior do Brasil, identificando, descrevendo e analisando a catira da região de Formosa (GO). Este estudo compreende uma maneira diferente de ver a dança, que se evidencia por meio dos seus diversos componentes, tendo como suporte teórico a Ecolinguística, disciplina que propõe o estudo da língua a partir do entrelaçamento entre os saberes da Linguística e da Ecologia, Couto (2007). Inicialmente, investigar-se-á a catira pelas bibliografias que fornecem subsídios para sua compreensão, caracterizando-se, uma pesquisa qualitativa documental. Posteriormente, far-se-á uma coleta de dados no local da dança, com gravações e filmagens, para identificar e analisar essa manifestação artística diferenciada da região de Formosa, em relação ao contexto geral brasileiro.

Palavras-chave: Comunicação verbal e não-verbal na catira, Ecolinguística

Interfaces entre a Enoterminologia e a Ecolinguística

Nathalia Martins Peres Costa e Dionei Moreira Gomes (UnB)

Resumo: O presente trabalho visa reforçar o estabelecimento de uma Enoterminologia como campo interdisciplinar que estuda os termos, ou melhor, os etnotermos, presentes nos discursos altamente especializados extra acadêmicos, isto é, aqueles pertencentes aos discursos dos diferentes especialistas que detêm algum conhecimento altamente especializado, rico e complexo, reconhecidos por uma dada comunidade, tanto a especificidade do conhecimento quanto a figura do especialista, mas que não têm como fonte/habitat desse conhecimento a academia. Não se trata, por tanto, da Terminologia que estuda os termos institucionalizados e reconhecidos pelas sociedades urbano-industriais modernas, mas aqueles que registram e expressam um conhecimento por muito tempo negligenciado como conhecimento especializado, aquele conhecimento que passa de geração em geração dentro de um determinado grupo étnico e tem profundas raízes em seu modo de vida, o que inclui o uso que fazem dos recursos naturais disponíveis.

Palavras-chave: Enoterminologia; Ecolinguística; Etnoecologia Linguística

O assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) de Samambaia como Comunidade de Fala Ecolinguística

Augusto César Ferreira Lopes (UnB)

Resumo: O trabalho em questão tem o objetivo de analisar o assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) de Samambaia como comunidade de fala ecolinguística a partir das interações recorrentes do dia a dia de mais ou menos 700 famílias agrupadas que dividem uma pequena área de 1500 metros quadrados. Falar sobre comunidade de fala pelos pressupostos da Ecologia ainda é um desafio, mas já começa a ganhar força em virtude da materialidade da linguagem e da interação observada no uso diário dentro das comunidades. Delimitar o objeto de estudo é um aspecto importante para a aproximação da Linguística com a Ecologia, uma vez que pode variar de um pequeno grupo até uma cidade ou país inteiro. Buscamos delimitar um assentamento do MTST com a finalidade de registrar e analisar as peculiaridades linguísticas encontradas no cotidiano dos integrantes.

Palavras-chave: Comunidade de Fala; Ecolinguística; Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

Para compreender o meio ambiente mental: anotações de um ecolinguista sobre o cérebro

Genis Frederico Schmaltz Neto (UnB/CNPQ/NELIM)

Resumo: O objetivo desta comunicação é tecer reflexões a respeito de um dos meio ambientes da linguística ecossistêmica, o meio ambiente mental da língua. É natural que uma postura linguística se preocupe com a memória e com os processos cognitivos ao se abordar a mente humana, no entanto as tentativas de análise se concentrarão em se inserir nos aspectos biológicos e anatômicos desse ambiente, uma vez que referir-se à materialidade do que é produzido pelo cérebro não quer dizer trabalhá-lo em si. A partir de leituras de Hickey (1997) Dangelo (1995) e Couto (2012, 2013, 2015), o que se tem é um mapa de funcionamentos aspectuais das regras de interação na ecologia da interação comunicativa a partir de uma perspectiva de redes de atuação do sistema nervoso e suas subdivisões neurais interconectadas.

Palavras-chave: Meio ambiente mental; regras interacionais; cérebro

JURUBATUBA: REGIME NOTURNO DAS IMAGENS E ECOLINGUÍSTICA

Margareth de Lourdes Oliveira Nunes (UFG)

Resumo: Jurubatuba, romance de Carmo Bernardes, publicado em 1997 pela Editora da UFG, na Coleção Belamor e que fora anteriormente publicado em 1972 pela Editora Rio Bonito, será o nosso objeto de pesquisa. O romance Jurubatuba é rico em imagens que evocam o regime noturno, segundo a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1997). Imagens fortes em que os elementos terra, água, sol, lua, vaca, leite, árvore, seiva e tantos outros, descritos como importantes no regime noturno das imagens, se fazem presentes em toda a obra. Por outro lado, o protagonista se apresenta com um discurso de defesa da vida, da natureza, um discurso ecológico. O objetivo da pesquisa é, através de instrumentos metodológicos como a pesquisa bibliográfica com análise à luz da Ecolinguística (Couto, 2013) e da Antropologia do Imaginário, identificar no romance Jurubatuba categorias que identificam o autor como um ecolinguista avant la lettre. Os autores que norteiam essa pesquisa bibliográfica, além dos já citados, são Elza Kioko N. N. do Couto (2013), Eni Pulcinelli Orlando (2001), Hildo Honório do Couto (2012), Pierre Bourdieu (2003). Carmo Bernardes constrói para seus personagens uma linguagem muito própria, centrada em um léxico que estetiza a fala dos ambientes rurais e coloca o protagonista como um defensor da vida, um combatente à

dor inútil infringida à natureza pela ideologia presente na cultura e de que se deve dominar a todo custo a natureza e os seres que nela habitam, inclusive os humanos.

Palavras-chave: Imaginário; Ecolinguística; Literatura

O rio e a cidade

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM) e Antônio Busnardo Filho (FIAMFAAM)

Resumo: Neste artigo vamos discutir a questão das cidades que têm o rio que passa por ela. Isso já nos leva para a antropologia do imaginário de Gilbert Durand. Mas, rio e cidade são representativos das duas faces da vida moderna, a contradição entre tradição e desenvolvimento, natureza e cultura. O rio é parte inalienável da natureza viva, é artéria do organismo vivo chamado terra, como na hipótese de Gaia. É também fonte de vida, pois sem água não há vida. Ele é a artéria desse organismo. A cidade, ao contrário, representa intervenção humana na natureza, e uma das piores intervenções possíveis. Ela junta milhares de pessoas em um pequeno espaço, com o que se junta também toda uma série de problemas, como lixo e esgoto, ambos frequentemente jogados no rio. Juntar rio e cidade em um mesmo tema nos leva a outra disciplina além da antropologia do imaginário, a ecolinguística. Embora seja relativamente jovem, ela é uma forma de os linguistas se conscientizarem de que também eles devem se preocupar com as questões ambientais, entre elas as já mencionadas, ou seja, o rio e a cidade. É importante ressaltar, no entanto, que ela não se ocupa apenas de questões ambientais. Como disciplina ecológica, ela encara seu objeto de estudo de modo holístico, abrangente. Portanto, nada do que seja fenômeno linguístico está fora de seu âmbito de interesse.

Palavras-chave: Rio; Antropologia do Imaginário; Ecolinguística

Da palavra do rio ao leito da ecolinguística

Vera Lúcia Santos Alves (Faculdade São Francisco de Juazeiro – BA)

Resumo: Sob a visão ecolinguística de Hildo Honório do Couto (2007), tratamos, nesta pesquisa, da construção lexical da Comunidade Tradicional do Angari, no Submédio São Francisco, como um traço identitário dos pescadores e suas famílias. Identificamos, nos discursos de especialidade, termos e suas variações ao longo do tempo e as personagens detentoras de conhecimentos especializados na comunidade, fortemente conectados ao meio ambiente. Consideramos, para isso, a base fundamental da língua como componente de um ecossistema: Território (T) + Povo (P) + Língua (L). Observamos, com a análise, como as questões ambientais – de perdas e de preservação-, além dos aspectos territoriais, implicam

determinações linguístico-culturais que têm permeado a identidade lexical da comunidade ao longo do tempo. Foram listados 36 termos lexicais que fazem e ou fizeram parte do universo ecolinguístico da comunidade de pescadores do Angari.

Palavras-chave: Ecolinguagem; léxico; Angari

A CULPA É DE SÃO PEDRO": a construção discursiva da mídia televisiva (Jornal da Globo) sobre a crise hídrica no Sistema Cantareira

Gilberto Paulino de Araújo (UFT-NELIM) e Davi Borges de Albuquerque (NELIM)

Resumo: A crise hídrica que assola o Estado de São Paulo (e outras regiões brasileiras) foi ao longo de 2015 um dos principais pontos de pauta dos diversos canais de comunicação de nosso país. Os baixos níveis do Sistema Cantareira foram inúmeras vezes mostrados e comentados em reportagens do Jornal da Globo, um dos mais influentes jornais televisivos de alcance nacional. A opção tomada pela mídia em pauta, durante os seus noticiários, foi a de relacionar a crise hídrica à mera escassez de chuvas, resultante de uma excepcionalidade ocasionada por fenômenos climáticos na região sudeste do país ao longo dos últimos anos. Em outros momentos, o problema foi enfaticamente relacionado à má gestão pública, isto é, à falta de planejamento e investimentos em infraestrutura por parte dos governos estadual e federal. Sem descartar nenhum dos pontos citados, vale ressaltar que em raros momentos o jornal trouxe em sua explanação uma discussão mais profunda, muito menos buscou mostrar algo há muito tempo enfatizado pelos ambientalistas e cientistas, a escassez de água está diretamente relacionada com os graves problemas ecológicos da atualidade, consequentes da excessiva interferência humana no meio ambiente, ou melhor dito, do modelo político-econômico pautado na demasiada exploração dos recursos naturais. Com base na Ecolinguística (COUTO, 2007) ou, de maneira mais específica, na Análise do Discurso Ecológica (N. COUTO N. et al, 2014; COUTO et al, 2015), o presente estudo desenvolve uma análise linguística da cobertura ou tratamento midiático do Jornal da Globo a respeito da crise hídrica do Sistema Cantareira, demonstrando de que forma os discursos públicos da mídia são capazes de moldar a percepção dos fatos e configurar a realidade, conforme o interesse de determinados grupos sociais. Para a análise, foram observadas reportagens do Jornal da Globo veiculadas no período de março a setembro de 2015, tendo como foco a abordagem dos jornalistas e/ou o conteúdo das matérias a respeito das causas da crise hídrica anunciada.

Palavras-chave: Crise hídrica. Discursos da mídia. Análise do Discurso Ecológica. Ecolinguística.

A criatividade a favor do ensino e aprendizagem

Kamila Krisley Barbosa Vieira, Camila Costa Nunes e Lucas dos Santos Rodrigues (UEG/FORMOSA)

Resumo: Tivemos a nossa primeira experiência como professores de Língua Portuguesa através do PIBID e, desde então, procuramos entender como o processo de ensino-aprendizagem acontece na escola. Constatamos que o modelo de ensino atual reconhece a importância de desenvolver a capacidade crítica dos alunos, mas isso não acontece na realidade. Para explicar esse fato, Luiz Carlos Travaglia afirma que “o ensino de gramática (teoria) aparece como algo desligado de qualquer utilidade ou utilização prática” (TRAVAGLIA, 2009, p. 102), pois o que é ensinado em sala de aula tem como único objetivo o cumprimento do currículo, que não só é cobrado pelos órgãos e instituições de ensino como também pela própria sociedade. Considerando todo esse contexto, interessa-nos ressaltar a importância da criatividade no âmbito escolar para a construção de cidadãos críticos. Muitos acreditam que a criatividade é uma habilidade restrita a poucos, mas para a escritora e teórica de arte Fayga Ostrower (1997), ela está presente em todos os indivíduos desde a mais tenra idade. A realidade é que as crianças são educadas a abandonar suas capacidades e a fazerem parte do modelo de sociedade capitalista, onde formar cidadãos sistemáticos é bem mais fácil do que criar mentes inovadoras. O papel do professor em sala de aula, portanto, é muito importante, pois serve de referência criativa para muitos alunos.

Palavras-chave: Pibid, ensino-aprendizagem e criatividade.

Ensino de língua inglesa para propósitos específicos na Universidade Estadual de Goiás: uma nova proposta

Tássia Gabriela D. da Silva (UEG/FORMOSA)

Resumo: Diante das transformações que vem ocorrendo no cenário social e que apresentam novos desafios ao campo educacional, principalmente quando se trata do processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, se faz necessário buscar novos caminhos para se adequar a essas mudanças. Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre as características do Ensino de Línguas para Propósitos Específicos trazendo leituras de texto de especialistas tanto dessa área quanto da Linguística Aplicada e a partir disso, sugerir a implementação de estudos acerca do tema na grade curricular do

Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás a fim de proporcionar novas oportunidades de desenvolvimento da instituição e da comunidade em que está inserida.

Palavras-chave: IPE, Inglês Instrumental, Universidade Estadual de Goiás.

Pedagogia Waldorf: uma nova base para educadores que estimulam a escrita.

Nadine Alves Ferreira, Roberta Torres de Moura e Priscila Lorrane Lopes de Sousa (UEG/FORMOSA)

Resumo: A Pedagogia Waldorf não é muito estudada no âmbito acadêmico e nem muito conhecida pela sociedade. Os alunos que participaram ou participam desse modelo de ensino percebem a diferença dessa pedagogia. Quem também vê a grande diferença são os professores, que conseguem notar o gosto dos alunos pelo conhecimento. Por isso, usamos alguns fundamentos da Pedagogia Waldorf no processo de ensino-aprendizagem no PIBID que realizamos no Colégio Estadual Hugo Lôbo, em Formosa - GO. Damos aula uma vez por semana e percebemos que a grande maioria não gosta de escrever e escreve com falta de domínio gramatical. Para que consigamos incentivar a escrita e o gosto por ela, resolvemos usar alguns conceitos e orientações waldorfianas. Conseguimos adaptar e usar vários conceitos e orientações de Steiner. Assim, propomos abordar na comunicação os bons resultados que tivemos com a Pedagogia na criação de textos dos alunos.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf, escrita e ensino-aprendizagem.

As contribuições do trabalho com o imaginário infantil na leitura e produção textual

Shêila Gomes da Silva Barros, Leide Maria Leão Lopes e Carlos Victor Bessa Corrêa
(UEG/FORMOSA e SEDF/UFAM/UEA)

Resumo: A leitura e a escrita nas instituições de ensino tem sido instrumento de alerta para as inúmeras dificuldades encontradas, um dos pontos observados é a inadequação em relação à utilização do imaginário infantil. Diante desta realidade, este estudo visou identificar as causas que ocasionam a dificuldade de interpretação das crianças em relação aos textos e a utilização do imaginário como fonte de incentivo, buscou-se assim, relatar sugestões para o trabalho elaborado para despertar o imaginário infantil, tendo em vista que, o mesmo torna-se ferramenta colaborativa da interpretação e compreensão dos textos de forma significativa, bem como, os principais pontos a serem revistos e trabalhados pela escola e os profissionais que nela atuam. Indaga-se

como contribuir na interpretação e compreensão dos textos com a utilização do imaginário infantil, a fim de que se busque o aperfeiçoamento dos métodos até então, utilizados nas instituições de ensino pesquisadas? O estudo fundamenta-se por meio de pesquisas bibliográficas e de campo, o campo escolhido 10(dez) escolas públicas e particulares da cidade de Tabatinga no Estado do Amazonas, o instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, aplicado aos professores do 4º aos 6º do ensino fundamental que atuam nas escolas pesquisadas, obtendo como resultado que, professores raramente utilizam as variedades de textos disponíveis e tão pouco, estimulam o imaginário infantil buscando aguçar a leitura como objeto de desejo.

Palavras-chaves: Ensino- aprendizagem. Imaginário infantil. Leitura.

Cenas de violência: hibridismo de gênero e denúncia social em lembranças da menina de rua morta e nua de Valêncio Xavier

Larissa Silva Nascimento (UEG/FORMOSA)

Resumo: O presente artigo procura investigar como Valêncio Xavier, a partir da coletânea intitulada Rememorações da menina de rua morta e nua, representa cenas de violência tendo como base o diálogo entre diferentes formas de linguagens, principalmente as artísticas e com fins jornalísticos, tais como fotografias em preto e branco, reportagens de jornais, imagens de frames de filmes, textos de narrativa poética, xilogravuras, desenhos dos mais diversos tipos. Busca-se, dessa maneira, entender que essa literatura de não-ficção denota, essencialmente, um hibridismo de gêneros, relacionando discursos com bases em fatos reais e outros com fortes tons ficcionais sem fazer distinções claras entre as fronteiras de ambos. Por isso, a estética do crime de Xavier é construída de acordo com uma multiplicidade de perspectivas, fazendo referência aos dinâmicos e diversos imaginários sociais que atualmente exploram a narração de eventos cruéis. Além disso, e também como forma de continuar estudando as relações entre vida e arte, compreende-se que o estudo da violência é um dos caminhos viáveis para entender a cultura de um país e acessar sua estrutura social, dessa forma, Xavier denuncia a exploração comercial e sensacionalista da mídia de massa que se aproveita de quaisquer episódios de crueldade; os aspectos agressivos que estão presentes no cerne da sociedade brasileira tradicionalista que é machista, elitista e corrupta; a ineficiência da polícia brasileira em desvendar crimes e punir o criminoso e, especialmente, revela a brutal desigualdade social existente no Brasil ao trazer, em sua maioria, vítimas pertencentes às minorias sociais, tais como homossexuais, menores de idade, moradores de rua, mulheres. Observa-se, portanto, que no funcionamento do Estado brasileiro a violência assola, de modo mais constante e radical, os grupos em situação de vulnerabilidade social, aqueles cujos sofrimentos podem ser explorados comercialmente, embora normalmente pouco seja feito

para abrandar suas dores. Nota-se ainda uma relação entre os lugares dos crimes, isto é, os espaços precários em que assomam atos violentos, e as vítimas dessas crueldades, sendo, muitas vezes, sujeitos que circulam por favelas, ruas abandonadas, cinemas clandestinos, procurando, assim, relacionar as vítimas aos lugares a que são destinadas dentro da divisão social. Os personagens construídos por Xavier, na maior parte dos casos, fazem parte das minorias sociais, sendo expostos a toda sorte de crueldade, destinados a uma vida precária reservada a lugares insalubres e cercada por cenas comuns de violência.

Palavras-chave: hibridismo de gênero, denúncia social, violência.

Cinema e imaginário: (des) continuidades simbólicas sobre a família

Raphael Martins Ribeiro (UEG/TECCER/CAPES) e Thamilis Tatylla Gomes Avelino (UEG/PIBIC)

Resumo: Ao considerar o imaginário na perspectiva de DURAND (1997) como um conjunto de imagens e de suas relações com o mundo, nota-se a atenção dada à arte por conta de seus produtos reveladores ou representativos de atitudes imaginativas. Dessa forma, as produções artísticas são formas simbólicas por possuírem determinado conteúdo sensível e particular que se transforma em significado. Esse sentido estabelecido varia conforme o conteúdo latente – do próprio sujeito – ou a interação social. Diante dessa relação entre imaginário e arte, o objetivo geral desta comunicação se apresenta como uma reflexão sobre produções cinematográficas que contestam, diante do período político no qual foram produzidas, o imaginário sobre a família tradicional. Para isso, far-se-á a análise de dois filmes, quais sejam *Miss Violence* (2013), de Alexandros Avranas e *Copacabana me engana* (1969), de Antônio Carlos Fontoura. As narrativas dessas produções indagam signos e símbolos integrantes de imaginários com contextos específicos, os quais são marcados por forte presença de discursos sobre valorização de costumes tradicionais. Para sustentar tais ideias, serão caras as reflexões de DURAND (1997) e MAFFESOLI (2010) sobre imaginário, CASSIRER (2001) sobre simbolização, XAVIER (2001) sobre o cinema moderno brasileiro – principalmente o Cinema do Lixo para o filme de A. C. Fontoura. Objetiva-se então uma reflexão sobre significações estéticas filmicas frente à presença de imaginários sociais específicos.

Palavras-chave: cinema, imaginário, família

As máscaras da morte: um estudo do imaginário em Restos do carnaval, Clarice Lispector

Jorge Lucas Marcelo dos Santos (UFG/NELIM)

Resumo: Objetiva-se aqui verificar até que ponto as máscaras, produto de uma cultura carnavalesca e figura central do conto Restos do carnaval, de Clarice Lispector, podem revelar o imaginário da morte. Objetiva-se também manter um diálogo entre a teoria de Gilbert Durand com o conto de Clarice Lispector, pois esta apresenta-nos uma narrativa instigante e rica em imagens que se oferecem à decifração. Para buscar essas imagens que revelarão a configuração desse imaginário, seguirei os postulados da teoria antropológica do imaginário de Gilbert Durand, para quem o imaginário é o modo de operacionalizar as imagens criadas pela imaginação. Essas imagens constituem uma constelação que podem pertencer a um regime multiforme da angústia diante do tempo, em que se destacam o regime diurno (da antítese) e noturno (da junção) da imagem. O conto em questão centra partes de suas imagens no regime diurno da imagem, evidenciadas pelas imagens nictomorfos. Estas privilegiam as cenas, as cores ou as formas da noite. Com essas imagens, neste conto, Clarice Lispector estabelece um paralelo entre a morte e a festa popular, daí a necessidade de revelar e (des) mascarar as imagens que se revelam nele. Segundo Gilbert Durand, o regime noturno promove a junção das forças opostas, o que leva à valorização da morte como intimidade e repouso. Por fim, a autora, paradoxalmente, consegue forçar o leitor a enfrentar a morte, que tem mais máscaras do que um baile de carnaval e, com isso, leva o leitor, também, a se entregar com complacência às imagens metafóricas da morte.

Palavras-chaves: Clarice Lispector; Imaginário; Morte.

A repetição e a imagem criativa: os memes e o imaginário da internet em tempos de convergência

Émile Cardoso Andrade e Michelle dos Santos (UEG/FORMOSA)

Resumo: Como um produto da cibercultura e da convergência de mídias, as redes sociais produzem hoje uma série de imagens que configuram um novo imaginário construído pela indústria cultural. Nossa comunicação está voltada principalmente para a análise dos chamados "memes" - qualquer imagem, ideia, conceito que se espalha com muita rapidez pela internet. Em suas origens, o termo meme tem origem grega: "imitação". Porém, foi Richard Dawkins em 1976 que desenvolveu a ideia no seu livro *The selfish gene*. Interessa-nos pensar na capacidade de desenvolvimento deste tipo de comunicação virtual pela dupla via da repetição/criação, tão produzida e difundida pela pop art de Andy Warhol. Como os memes se tornam virais? Que imagens-conceito são necessárias para a criação de um meme? Que signos linguísticos a repetição lhes oferece e como o usuário da rede se utiliza disso para alterá-los, modificá-los, atualizá-los e trabalhá-los criativamente? Estas são algumas das reflexões que gostaríamos de desenvolver neste trabalho.

Palavras-chave: memes, internet, convergência, repetição, imaginário

Topônimo Anhanguera: uma proposta de análise ecossistêmica da relação nome e mito

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG/PMEL/UFG)

Resumo: Realizar um estudo ecossistêmico de uma língua requer, entre tantos fatores, uma visão mais ampla dos fatos linguísticos e extralinguísticos que os considere em suas inter-relações, ou melhor, que parta da ideia básica de que uma língua “faz parte de uma grande teia de relações”, uma rede em que tudo está relacionado a tudo. Assim se propõe o estudo do topônimo “Anhanguera” (município ou hodônimo) já que, metaforicamente, pode-se entender os nomes próprios de lugares como uma árvore típica do bioma Cerrado em que, sobre o mundo das visibilidades linguísticas, encontra-se apenas o tronco retorcido (o topônimo) que nada diz ou revela sobre suas raízes profundas (as motivações). Para o nome convergem, toda sorte de fatores que o vinculam a fatores históricos, culturais e ecossistêmicos. Posto isso, esboça-se um aporte teórico que procura coadunar fundamentos para análise do designativo “Anhanguera”, inter-relacionado nome/mito. Em outras palavras, busca bases na teoria do imaginário de Durant (1998) e ainda nas relações entre ecolinguística e imaginário, bem como nos fundamentos da ecolinguística como nova área de estudos linguísticos. Assim, tem-se uma análise inicial: Anhanguera, do tupi na-nhan, anhaga ‘gênio ou espírito que vaga, que corre, gênio malfasejo, ‘espírito de anhangá’; qualidades atribuídas a Bartolomeu Bueno da Silva, criando em torno de sua figura, uma série de histórias e lendas que marcaram todo território de Goiás e que veio, durante o século XX, alimentando motivações para inúmeros outros topônimos goianos.

Palavras-chave: Topônimos; Ecolinguística; Mito.

Personagens de Alvenaria: O Espaço como Sujeito em Narrativa Intermídias

Alberto Barreira Cirqueira Junior (UEG/FORMOSA)

Resumo: As histórias inicialmente partem da noção de um referencial daquilo que será abordado, portanto, dentro deste princípio esta mesma pode seguir de qualquer objeto, sendo ele inanimado ou um ser vivo. Tal abordagem desenvolve um tipo de limitação ao trabalho a ser elaborado, entretanto, por mais que tenha esta função dentro de cada um destes, ainda é possível desenvolver uma intertextualidade capaz

quebrar estes limites e dar uma ampla capacidade argumentativa. O objetivo deste trabalho é entender como funciona esta narrativa partindo do ambiente como foco, sendo os personagens e objetos o canal para o perpetuar da história, contando a história tanto dentro quanto fora deste ambiente, com objetos que também carregam acontecimentos e fatos que são lembrados, principalmente os livros por gerar uma intertextualidade dentro da obra devido a este vínculo criado entre ambos os autores. Além de descrições compõem o estilo, seguindo de acordo com aquilo que os objetos tem para passar, tornando este referencial totalmente dependente das demais formas de vida ou seres inanimadas dentro desta história. Lendo as 3 obras inicialmente neste trabalho as características do estilo começam a se tornar nítidas e mais ainda o dos próprios autores, também porque este trabalho tem uma ampla possibilidade de formas para ser elaborado, alcançando uma ampla visão de referencial argumentativo, não obstante, são diversas as capacidades e funções construídas com tal maneira de se construir a narrativa que passa de referência concretas a abstratas.

Palavras-chave: Referência, ambiente e intertextualidade.

Etnotoponímia da região de Balsas-MA: uma análise ecolinguística
Maria Célia de Castro (UEMA)

Resumo: A etnotoponímia insere-se no campo da etnologia linguística por resultar das inter-relações entre os membros da comunidade e o meio ambiente como os acidentes geográficos e aglomerados humanos rurais. Este trabalho verifica as relações dos etnotopônimos com o território que referem, via povo habitador que utiliza esse léxico no ato de denominar os lugares e os acidentes geográficos, numa visão que tem como base a ecologia linguística. Assim, o objetivo geral é identificar, descrever e analisar os etnotopônimos da região de Balsas, com base na visão ecolinguística de mundo (VEM). De forma específica, conceitua a etnotoponímia; apresenta aspectos da diversidade linguística desses etnotopônimos; elenca o inventário etnoecológico com os respectivos dados etimológicos; e discute entrelaces da etnotoponímia com a Ecologia da Interação Comunicativa como também com as propriedades da ecologia. O resultado revela que a etimologia dos etnotopônimos contém indícios das influências denominativas e das inter-relações que envolvem o ecossistema linguístico e que ato de (re)criação desse conjunto de nomes denota o caráter prototípico de pertencimento coletivo, terreno, de percepções sensíveis ecológicas e ecossistêmicas. O corpus foi selecionado no site do IBGE, Mapa Municipal Estatístico da Cidade de Balsas, e a revisão teórica apoia-se principalmente nos postulados de Couto (2007; 2009; 2015) e Nenoki do Couto (2013); Castro (2012); Dick (1990; 1992) e Piel (1979).

Palavras-Chave: Etnotoponímia. Região de Balsas. Visão Ecolinguística de Mundo.

Descomunhão: o que é, como se instala

Jonas Pereira dos Santos

Resumo: Este trabalho aborda e discute o conceito de “descomunhão” no campo da Linguística Ecolinguística. Trata-se de uma formulação teórica que tenta dar conta do clima sociocultural que se instala a partir da revolução tecnológica que vem se aprofundando nos dispositivos de comunicação a distância, como o WhatsApp. As inovações nas tecnologias da comunicação têm alterado profundamente a interação entre as pessoas e, pelos efeitos que ocasionam, representam a “grande novidade social”. Essa mudança de hábitos que se observa atualmente na esfera das interações humanas está a caracterizar uma “grande novidade social, que provavelmente reflita algo mais geral que está acontecendo com nossa civilização”, como sustenta Hildo do Couto, ao tentar apreender por meio da incipiente categoria ecolinguística da “incomunhão” ou “descomunhão” essa difusa morfologia dos hábitos. A história dos artefatos tecnológicos de comunicação recapitula a própria história da progressiva instalação desse sentimento difuso de que as mídias têm contribuído para a criação de uma aldeia global em que predomina a sensação de atomização, de isolamento e de descomunhão, em que o senso de convivialidade cede espaço a um verdadeiro silenciamento, sob a égide da tecnologia dos meios de massa. Em última análise, assiste-se a um difuso processo entrópico da comunhão, do senso gregário que a dimensão da polis acarreta. Parte-se do conceito congênere de “comunhão”, com suas ressonâncias teológico-eclesiais; analisa-se a etimologia do termo “descomunhão”, enquanto construção neológica formada a partir do prefixo latino “des-”, que indica “ação contrária”, “separação”, dissolução da referência comunitária. Por fim, discutem-se as consequências do fenômeno da descomunhão para a sociabilidade contemporânea. O tema reveste-se de relevância ímpar para um ensaio de compreensão das mutações que vêm se produzindo nos padrões de interação que se observam atualmente na sociedade, estimulando a reflexão e o questionamento sobre o papel das mídias na construção da subjetividade pós-moderna. Trata-se de um trabalho qualitativo, de caráter incipiente, dada a novidade da problemática abordada.

Palavras-chaves: Linguística Ecolinguística. Comunhão. Descomunhão.

Ecolinguística: Um Olhar Sobre A Obra My Fair Lady

Marta Furtado da Costa (UEPB)

Resumo: O mito de Pigmalião conquistou o fascínio de leitores e escritores ao longo dos séculos. Desde Ovídio, que retratou o mito em sua obra *Metamorfoses* até a peça de George Bernard Shaw, *Pygmalion*, publicada em 1921. Em 1964 a peça de Shaw (1912) foi adaptada ao cinema como um musical, com o título de *My Fair Lady*. A obra escrita por George Bernard Shaw, inspirada no mito grego, desde a sua publicação em 1912, tem atraído várias possibilidades de interpretação. Diversas áreas como a psicologia, a sociologia, a linguística e mais especificamente a fonética, vem descortinando a obra de Shaw (1912) sob inúmeros olhares. O presente trabalho tem o objetivo de propor mais um olhar sobre a obra *My Fair Lady*, considerando os conceitos da biolinguística e da ecolinguística. Ecolinguística constitui o ramo da Linguística que estuda as relações entre a língua e o meio ambiente social, que se constitui como o território que é habitado por determinada comunidade linguística, ou população ecolinguística. Defendendo que a língua precisa ser considerada a partir das esferas física e social, precisamos conceber a “aprendizagem e o uso da língua estão subordinados às normas situacionais, culturais e sociais vigentes no ato da enunciação” (Silva & Gomes, 2012). Dessa forma, iremos analisar a versão cinematográfica da peça de Shaw (1912), dirigida por Cukor (1964) à luz das teorias de Ramos (2004), Eichler (2005), Couto (2007, 2009), Paiva (2012) e Rosa (2010) no que concerne aos estudos das relações entre a língua e seu respectivo meio ambiente social.

Palavras-chave: Identidade cultural, meio ambiente social, ecolinguística.

Blues, cordel e História: uma possibilidade de análise

Thayza Alves Matos e Layra de Sousa Cruz Sarmento (UnB/CAPES)

Resumo: O blues norte-americano foi um canto originado das senzalas nas grandes fazendas nos Estados Unidos. Era um canto que narrava às mazelas e os sofrimentos cotidianos de milhares de escravos, e com o passar dos anos foi se proliferando pelo sul estadunidense, passando a ser consumido e produzido de tal forma que chegava a bares e a noite de estados como Nova Orleans e Louisiana. Já no Brasil, uma forma literária traz em suas narrativas uma complexa relação de identidade cultural com as populações do sertão nordestino. A Literatura de Cordel também se apropria de histórias de escravos, mas lança luz a possibilidades outras de interpretação dos sofrimentos sentido por essas mulheres e homens. Procuramos tecer um diálogo a partir de dois pontos muito distantes, mas que falam de uma América (como continente colonizado) e de um imaginário que permeia a vivência de seu povo. A partir de interpretações das estratégias e resistência desses povos, que emerge o imaginário como conceito central para as análises históricas. Aproximando-nos das proposições de Sandra Jatahy

Pesavento, Luiz Costa Lima, Roger Chartier e Daniel Faria estabelecemos uma reflexão acerca do imaginário nessas produções a partir da metodologia da via oblíqua do ato ficcional, deixando clara a importância e fecundidade dessas formas de arte para a compreensão histórica.

Palavras-chave: Literatura, imaginário e via oblíqua do ato ficcional

A Visão Ecológica de Mundo aplicada ao jogo eletrônico *Don't Starve Together*

Anderson Nowogrodzki – (UFG/NELIM)

Na medida em que se pensa o ecossistema da língua, é preciso retomar Couto (2007), em razão de explicar o modo como se constitui. A ADE, como uma subárea da Ecolinguística, busca olhar para as interações como fundamento da existência do discurso, em que a língua se encontra articulada ao meio ambiente. Pensa-se, dessa maneira, numa forma de Ecossistema Fundamental da Língua (EFL), ou Ecossistema Integral da Língua, na medida em que reúne, em sua base, três meios ambientes que, em conjunto, propiciam sua existência, sua produção e disseminação, são eles: o meio ambiente físico (visto por Sapir (2016) como a relação de fatores geográficos e de base econômica, levando em consideração os aspectos da matéria-prima), o meio ambiente social (em que redes de interações perspectivas se conectam e se sobrepõem, dando forma ao construto social) e, a fim de modificar o que foi proposto inicialmente, pensa-se com Couto (2012), que vê o meio ambiente mental, a partir das teorias de Durand (2002), como o locus em que as pulsões corpóreas, dinamizadas pelo inconsciente, chegam à consciência e se materializam em imagens. Observa-se, portanto, que, como assegura Couto (2012), existe uma integralidade que dá liga ao EFL, tudo o que é mental tem de ser sancionado pelo social, em razão da inserção da individualidade no coletivo, dando contornos à possibilidade de interagir comunicativamente. Não se desconsidera, porém, a materialidade física sobre a qual esses elementos se desenvolvem. O Ecossistema se concretiza, portanto, num triângulo que envolve a língua, a população e o território habitado, dessa forma, o território se torna a base existencial para a emergência da interação entre seres que entram em comunhão por meio da língua. Ao olhar para esse princípio ontológico de uma análise ecossistêmica da língua, torna-se possível edificar uma análise que se baseia na materialidade linguística que emerge nos processos interacionais, independente do suporte ao qual esteja vinculada. Por isso, desenvolve-se, aqui, uma análise de um jogo eletrônico de

título *Don't Starve Together*, em que o objetivo é, operando uma personagem, sobreviver às intempéries da natureza, que fogem ao controle do humano. Institui-se, portanto, um empreendimento que objetiva agregar-se ao todo natural, sintonizando-se, ao máximo, com a entropia que envolve a passagem do tempo e as mudanças do espaço. Ademais, o *game* se destaca por possuir um sistema *multiplayer*, em que diversos jogadores se unem para preservar a vida da comunidade em consonância com a natureza, ou seja, buscando, constantemente, a harmonização entre si e com o mundo em que habitam. Dessa forma, parte-se da Visão Ecológica de Mundo, como conceituam Couto, Couto e Borges (2015), ou seja, toma-se uma das fontes de inspiração da ADE que parte do princípio de que se deve olhar para o mundo a partir de um ponto de vista ecológico e assume-se a busca contínua pela harmonização como um modo de manter a vida, preservar o ecossistema e diminuir o sofrimento quando possível.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológica, Visão ecológica de mundo, Jogo eletrônico, Imaginário.